



"Ser articulador é um papel e uma missão do educador"

Professor da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), Marcos Sorrentino recebeu a Medalha Defesa Civil Nacional, de 2013, e fala sobre o papel e a missão do educador (Jornal da USP)

Caio Albuquerque

Biólogo e pedagogo, o professor do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), Marcos Sorrentino, foi agraciado em Brasília (DF), no início de novembro, com a Medalha Defesa Civil Nacional - Ano 2013. Sorrentino trilhou sua atuação profissional na área da Educação Ambiental. Foi docente no Departamento de Educação da Unesp, campus de Assis e, desde 1988, atua na Esalq, onde coordena o Laboratório

de Educação e Política Ambiental (Oca). Em entrevista concedida especialmente para o Jornal da USP (Ano 30, nº 1.048), o docente fala da sua atuação como educador ambiental, pesquisador e extensionista.

Qual o significado da Medalha Defesa Civil Nacional?

Durante pouco mais de um ano estive no Ministério da Educação como assessor especial para a política ambiental do Ministério. Nesse período articulei conversas com os ministérios da Inte-

gração, da Ciência e Tecnologia, do Meio Ambiente, para que as questões referentes aos desastres naturais, não ocorram apenas na instância da Defesa Civil após o desastre. O propósito é que as instâncias federais desenvolvam um trabalho educador que anteceda o desastre e possibilite que essas populações em áreas de risco estejam sintonizadas com os sistemas de alertas, com medidas de evacuação e preventivas e possa assim minimizar os impactos e evitar a perda de vidas.

Articulador é um traço marcante na maneira de agir?

Ser articulador é um papel e uma missão de quem trabalha com Educação. Se nós temos uma concepção de Educação que não é a de depositar conteúdo na cabeça das pessoas, mas sim possibilitar que o aprendizado se

instaura nas pessoas e entre elas, então o educador atua como facilitador tanto no acesso ao conteúdo quanto no fomento ao diálogo crítico, capaz de interpretar os problemas socioambientais e construir ações para a transformação desses problemas em melhores condições de vida e existenciais.

Como ocorreu sua identificação com a esfera ambiental?

Sou paulistano da zona leste, de família operária e quando tinha quinze anos minha família mudou-se para Embu das Artes. Lá descobri a importância e os benefícios que a natureza traz para a vida do ser humano. Desde então persigo a convergência da ação conservacionista em defesa dos bens naturais e as possibilidades de fazer isso em prol do ser humano.

A educação ambiental tem em sua essência o princípio da convergência entre duas áreas do conhecimento. Essa convergência está permeada na sua formação?

Sim e ainda na graduação percebi que a Biologia, de forma solitária, não contemplaria o comprometimento do ser humano com a dimensão conservacionista e com o que estávamos descobrindo no final da década de 1970, ainda sob vigência da ditadura. Assim, da convergência entre o campo ecológico e as questões sociais forjou-se meu agir ambientalista, tanto que ainda na década de 1970 participei do movimento em defesa da reserva de Morro Grande e região de Caucaia do Alto, em Cotia (SP), contra a construção do aeroporto metropolitano. Em 1977 participei da criação da As-

sociação de Proteção Ambiental de São Carlos, entidade que atua até hoje. Foi essa a forma que eu e tantos outros encontramos para atuar em prol da reconstrução da democracia no país.

A convergência entre educação e ambientalismo ainda não está consolidada na pauta dos governos, da mídia e da comunidade científica?

Em todos os campos essa convergência ainda está obnubilada, esmaecida e esquecida. A mídia aborda a questão ambiental apenas sob enfoque ecológico, emotivo ou sensacionalista e não aprofunda devidamente a conexão entre a nossa forma de organização, o modo de produção e consumo e essa degradação socioambiental que vivemos, potencializando assim os seres humanos para transformações sociais.